



Caderno do Formador

Desenvolvimento Rural Sustentável

" uma visão territorial "



PROJECTO TERRA

Apoio às instituições governamentais e não governamentais para a melhoria da gestão da posse e administração da terra e outros recursos naturais, nas províncias do Huambo e Bié

GCP/ANG/045/SPA

Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação - FAO

Escritório de Representação da FAO em Angola

Ministério de Agricultura, Desenvolvimento Rural e das Pescas (MINADERP)

Largo António Jacinto (Ex. Largo dos Ministérios), 5º andar. Luanda, Angola.

Tel: +244 222 327 108

Representante da FAO em Angola: Sr. Mamoudou Diallo

FAO-AO@fao.org

Autora

Helena Andrade

Revisão técnica

Paolo Groppo (NRL), FAO Roma

Francisco Carranza, Coordenador do Projecto TERRA - Consultor FAO

Txaran Basterrechea, Coordenador da Antena Bié, Projecto TERRA - Consultor FAO

Desenho gráfico

José Meio Dias

Agradecimentos

Aos Institutos Médios Agrários do Huambo e Bié

À equipa do Projecto TERRA

Desenvolvimento Rural Sustentável

"Uma visão territorial"

Caderno do Formador

**ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO
ANGOLA, 2012**

As denominações empregadas nesse produto informativo e a forma como aparecem apresentados os conteúdos, não implicam da parte da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), juízo algum sobre a condição jurídica ou nível de desenvolvimento dos países, territórios, zonas ou cidades, ou de suas autoridades, nem a respeito das delimitações de suas fronteiras ou limites.

Todos os direitos reservados. Se autoriza a reprodução e difusão do conteúdo desse material como produto informativo para fins educativos ou outros fins não comerciais sem prévia autorização escrita dos titulares dos direitos do autor, sempre que se especifique claramente a fonte.

Se proíbe a reprodução do conteúdo desse material informativo para revenda e outros fins comerciais sem prévia autorização escrita dos titulares dos direitos do autor. As petições para obter a tal autorização deverão ser dirigidas ao Chefe da Subdirecção das Políticas e Apoio de Material de Publicação Electrónica, da Direcção de Informação da FAO, Viale Terme di Caracalla, 00153 Roma, Italia, ou por correio electrónico a copyright@fao.org

© FAO 2012





**“Não há saber mais ou saber menos:
Há saberes diferentes.”**

Paulo Freire



INTRODUÇÃO

Vivemos uma época de grandes diferenças: entre ricos e pobres, entre países e mesmo no interior deles. Ainda que a riqueza, as relações mundiais e o nível tecnológico tenham aumentado, a distribuição dos recursos continua bastante desigual. A constatação das desigualdades e suas relações com a pobreza têm levado Governos, lideranças e sociedade repensarem as políticas e as estratégias de desenvolvimento.

Torna-se urgente promover um novo desenvolvimento centrado nas pessoas e que tenha como princípio a equidade, a ampliação das oportunidades e das capacidades. Construir este desenvolvimento é necessariamente valorizar as potencialidades das pessoas e da sociedade. Daí a importância da capacitação nessa nova estratégia.

Assim como se transformou o conceito, transformou-se também o papel dos técnicos que actuam no meio rural visando o desenvolvimento. Antes, havia a necessidade de “educar” o povo rural para que ele adquirisse equipamentos e insumos industrializados necessários à modernização de sua actividade. Agora, busca-se um novo apoio técnico que respeite e actue a partir dos conhecimentos dos agricultores e que estimule o uso sustentável dos recursos locais. O técnico torna-se um novo profissional, um **facilitador**.

Neste novo papel, os princípios e métodos utilizado pelo profissional no desempenho de suas actividades pode definir os resultados a serem alcançados. Ele deverá ser capaz de inovar no processo de descoberta dos interesses comuns, sempre disposto a construir novos conhecimentos.

Na perspectiva de preparar os futuros profissionais para participarem de uma nova estratégia de desenvolvimento inclusiva e sustentável é que se insere a Formação em Desenvolvimento Rural Sustentável.

A Formação em Desenvolvimento Rural Sustentável foi desenhada para fortalecer e complementar a formação dos estudantes finalistas do ensino técnico-profissional dos **Institutos Médios Agrários (IMA)**. Ela insere-se nos objectivos do **PROJECTO TERRA** - “Apoio às instituições governamentais para a melhoria da gestão da posse e administração de terras e dos recursos naturais” realizado pela **FAO - Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação** com o apoio financeiro da **Agência Espanhola de Cooperação para o Desenvolvimento – AECID** e em parceria com os **Institutos Médios Agrários** da Caála (Província do Huambo) e do Andulo (Província do Bié).

Como multiplicar

A Formação em Desenvolvimento Rural Sustentável foi construída de forma bastante simples e de maneira a facilitar sua multiplicação entre alunos e mesmos entre profissionais comprometidos com o desenvolvimento rural. O conteúdo está dividido em temas que poderão ser aplicados separadamente dependendo da disponibilidade de tempo do grupo.

Nesse caderno, o formador encontrará um roteiro com informações metodológicas e uma série de actividades e ferramentas que facilitam sua realização. As lições tiradas da execução de oficinas de capacitação para cerca de 100 alunos dos IMAs permitiram ajustar a metodologia que apresentamos aqui.

Optamos por não incluir o conteúdo a ser trabalhado pois este encontra-se no caderno elaborado para os formandos, que completa este material.

Importa ressaltar que trata-se de uma proposta onde os temas estão intimamente relacionados e compete ao facilitador criar um ambiente onde os formandos possam perceber a sua complementaridade e as relações de causa e efeito existentes em todo processo de desenvolvimento. Vale ainda ressaltar que as ferramentas são bastante flexíveis e o formador deve ser criativo e inovador trocando alguns passos e adaptando-os à realidade de cada grupo.

Contamos com seu apoio e compromisso nesta missão tão importante que é entender e pensar um modelo de desenvolvimento melhor para todos.

BOM TRABALHO!

Objectivos e princípios pedagógicos

Objectivos da Formação

A presente proposta de capacitação tem como objectivo fortalecer e complementar a formação dos estudantes finalistas dos Instituto Médio Agrário introduzindo uma análise conceitual e metodológica de temas ligados ao desenvolvimento local sustentável e estimulando o desenvolvimento de competências que favoreçam o desempenho do papel do técnico como **agente facilitador** de processos de desenvolvimento.

Especificamente, a formação tem como objectivos:

- Facilitar a discussão sobre alguns conceitos e a análise crítica dos problemas e tendências actuais no campo do desenvolvimento rural sustentável no mundo e em Angola, com destaque para as abordagens sistemáticas e outras que propõem a participação activa dos cidadãos;
- Examinar a contribuição potencial da extensão para o desenvolvimento agrário e rural. Pretende-se que os alunos entendam a extensão como um entre vários instrumentos de um processo de mudança;
- Disponibilizar técnicas e instrumentos participativos que permitam aos futuros técnicos apoiar os actores a participarem efectivamente nas decisões e na melhoria da qualidade de vida das populações rurais;
- Desenvolver a compreensão sobre os processos de diagnóstico, planeamento, execução e avaliação de projectos de desenvolvimento. Pretende-se que os alunos adquiram os conceitos básicos, bem como alguma capacidade de actuação prática nestes processos.

Princípios pedagógicos orientadores

- I) Em se tratando de alunos do ensino médio, jovens, e portanto com pouca ou nenhuma prática, o ponto de partida será o conhecimento teórico e conceitual sobre os elementos fundamentais para a intervenção no meio rural;
- II) Porém, baseados no pensamento de Paulo Freire que nos afirma que “os homens se educam entre si”, propomos uma capacitação formativa, reflexiva e interactiva, buscando formar profissionais comprometidos com a sociedade (Paulo Freire, 1979¹);
- III) A formação deverá transformar-se num momento privilegiado de reflexão crítica e sistemática sobre a realidade rural;
- IV) Deverá ocorrer por meio da discussão conjunta valorizando as opiniões e o conhecimento individual, reduzindo, sobretudo, o individualismo na aprendizagem e enfatizando a construção coletiva do conhecimento;
- V) Deverá privilegiar a participação dos alunos, na perspectiva de que a aprendizagem deverá “promover mudanças não somente no nível do conhecimento, mas também no nível das habilidades e das emoções”². Daí a preocupação com as técnicas de motivação e comunicação.

Postura do moderador

- Manter-se tranqüilo durante as exposições dos participantes;
- Ouvir com atenção;
- Seguir as etapas do evento com flexibilidade;
- Evitar concluir pelo grupo; deixar que todos falem e somente no final fazer comentário breve de algo que passou;
- Preparar roteiros e cartazes com antecedência, de forma a ter sua total atenção voltada para o grupo;
- Sentar-se no círculo junto com os participantes;
- Preparar conclusões sobre o tema central da vivência; se possível, utilizar slides ou flip chart para melhor fixação;
- As conclusões devem ser breves (máximo 15 minutos) e marcantes.

¹ Pedagogia do oprimido. Freire, Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

² A Intervenção participativa dos atores – INPA: uma metodologia de capacitação para o desenvolvimento local sustentável / Ribamar Furtado, Eliane Furtado – Brasília : Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) 2000.

Conteúdo do Programa

TEMA	CONTEÚDO	TEMPO
Abertura e Organização da formação	<ul style="list-style-type: none"> * Apresentação do grupo * Apresentação do Programa * Contrato de convivência 	2hs
Desenvolvimento sustentável	<ul style="list-style-type: none"> * Evolução do conceito de desenvolvimento * Revolução Verde * Desenvolvimento em Angola * Desenvolvimento sustentável e sustentabilidade * Dimensões da sustentabilidade * A perspectiva territorial do desenvolvimento 	8hs
Sociedade e Desenvolvimento sustentável	<ul style="list-style-type: none"> * Gestão social * Actores – poder e liderança * Gestão social e Participação * Agricultura familiar * Acesso à terra e desenvolvimento 	8hs
Estado e sociedade civil: agentes de transformação da realidade rural	<ul style="list-style-type: none"> * Relações entre desenvolvimento, participação e políticas públicas * Mecanismos de diálogo entre as comunidades e as Administrações locais do Estado: Os Conselhos de Auscultação e Concertação Social e ENSAN * Cidadania 	2hs
O técnico facilitador	<ul style="list-style-type: none"> * A evolução da prática extensionista * O que é ser um técnico facilitador * O que orienta a acção do técnico facilitador 	3hs
Comunicação em um enfoque participativo	<ul style="list-style-type: none"> * O que é comunicação? * Métodos e técnicas que facilitam a comunicação 	3hs
Ações e Instrumentos participativos	<ul style="list-style-type: none"> * Sensibilização e mobilização * Diagnóstico participativo * Planeamento participativo * Execução das actividades * Monitoramento, avaliação e replaneamento 	12hs
Encerramento	<ul style="list-style-type: none"> * Avaliação das expectativas * Avaliação dos trabalhos * Manifestação de sentimentos * Entrega dos certificados 	2hs

Abertura e Organização da Formação

Síntese

TEMAS	OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
Abertura	Situar os participantes em relação aos trabalhos			10 min
Apresentação e Integração Quem somos	Apresentar os participantes e estimular a participação do grupo	Distribui-se tarjetas para cada participante escrever seu nome Cada um se apresenta dizendo o nome e seu lugar de origem Compor o painel “ Quem somos”	Tarjetas, marcadores, bostik, flip chart	30 min
Levantamento de expectativas Nossas Expectativas	Identificar expectativas	Distribuir tarjetas (individual ou em duplas) e solicitar que coloquem o que esperam com o curso Apresentar as tarjetas Compor o painel “Nossas Expectativas”	Tarjetas	30 min
Apresentação do programa da oficina O que vamos fazer	Expor a programação	Apresentar o programa com o apoio de slides	Cópia da programação	20 min
Contrato de convivência Nossas Regras	Estabelecer regras de funcionamento do grupo durante a oficina	Dividir os participantes em 2 grupos (fazer / não fazer) Distribuir tarjetas ou papel flip chart e pedir que escrevam as regras Apresentar o trabalho em plenária Compor o painel “Nossas Regras”	Tarjetas ou papel flip chart, marcadores	30 min

Tempo total: 2hs

Abertura

O moderador, como facilitador do processo grupal, assume seu papel de orientador dos trabalhos e convida os participantes para investirem um tempo inicial em uma etapa de organização, propondo responder às seguintes perguntas orientadoras, que são afixadas em um painel:

Quem somos

Nossas Expectativas

O que vamos fazer

Nossas Regras

Apresentação e integração: Quem somos

Respondendo à pergunta “quem somos?”, o facilitador se apresenta, de uma forma demonstrativa, convidando os participantes a também se apresentarem. Os participantes registram seus dados em fichas ou tarjetas, que são afixadas em um painel.

Levantamento de expectativas: Nossas expectativas

O facilitador solicita que os participantes registrem em fichas suas expectativas com relação aos trabalhos que serão realizados. As fichas também serão afixadas em um painel.

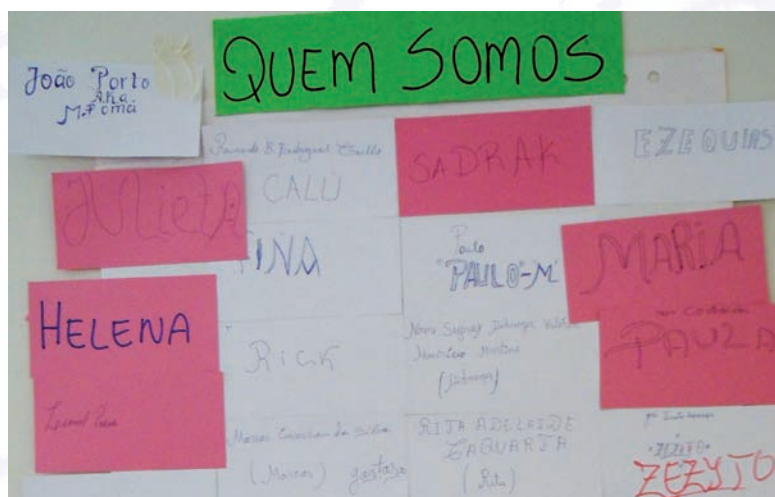
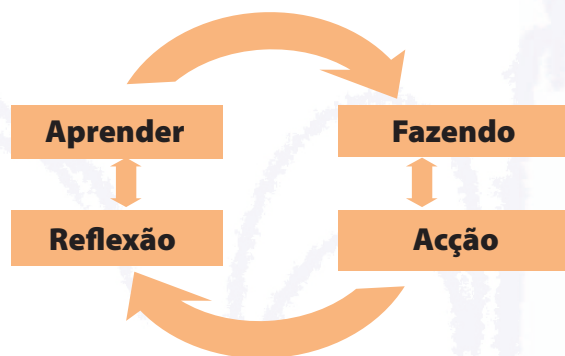
Apresentação do programa: O que vamos fazer

Respondendo à pergunta “o que vamos fazer?”, o facilitador apresenta os objetivos da oficina e as actividades (apresentadas como o apoio de slides) a serem desenvolvidas para se alcançar os objetivos propostos, como etapas lógicas sucessivas e interligadas de análise e reflexão.

Contracto de convivência: Como vamos trabalhar

O facilitador responde à pergunta “como vamos trabalhar?”, fazendo uma breve exposição sobre o conceito de oficina e considerando aspectos básicos para o trabalho em grupo no enfoque participativo:

“A Oficina é um espaço de trabalho dinâmico e interativo, no qual se promove o intercâmbio de conhecimentos, experiências e visões dos participantes, buscando, de forma pedagógica e construtiva, desenvolver etapas lógicas, sucessivas e interligadas de análise e planejamento.”



O facilitador explicita seu papel – orientar o grupo no desenvolvimento do programa de trabalho proposto, em um espaço de convívio agradável, democrático e construtivo – e o papel do grupo – responsável pelo conteúdo das informações – enfatizando a importância da motivação, do compromisso e da participação efectiva de todos, contribuindo com suas ideias, buscando-se, de forma conjunta e consensual, desenvolver as análises propostas.

Recomenda-se fazer um **acordo de convivência** ou “**Nossas Regras**” entre os participantes, destacando-se os aspectos que devem ser respeitados por todos a fim de assegurar o bom desenvolvimento dos trabalhos.

Os participantes são convidados a expressar suas ideias, que são documentadas pelo facilitador em fichas em um painel ou escritas em um álbum seriado (flip chart).

Nesse momento o facilitador faz com os participantes um acordo sobre os horários, completando o painel das regras.

NOSSAS REGRAS

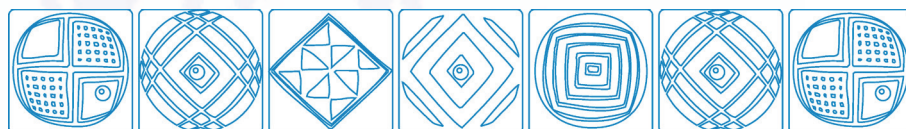
FAZER

- Ser pontuais
- Ter disciplina
- Respeito mútuo
- Higiênicos
- Ideias constructivas

NÃO FAZER

- Contrariar as ideias dos colegas
- Não usar o telemóvel
- Não usar equipamentos impróprios
- Não comer durante a formação
- Evitar falta de respeito

HORÁRIOS



Instrumentos Pedagógicos³

Metodologia Participativa

A metodologia participativa permite:

- Retratar as percepções de todos os atores da situação;
- Gerar um quadro de visões diferenciadas;
- Criar um saber coletivo;
- Diluir o poder.

Dessa forma, é um processo de cooperação centrado no trabalho individual e de equipe, que pressupõe a interação das pessoas para atingir objetivos comuns e que deverão se organizar, definir papéis, administrar conflitos, gerar soluções, a partir de percepções, valores culturais e experiências diferenciadas e ou divergentes.

Participar é tomar e ter parte no poder das decisões que o grupo deve tomar consensualmente. E consenso não é decisão da maioria (voto), mas de todos em torno de uma questão importante para o grupo, de forma racional e tendo em vista as circunstâncias do momento, abrindo mão de expectativas individuais.

A metodologia participativa apoia na criação de associações e cooperativas dentro do seguinte foco:

- Contribuindo para a transformação do contexto sócio-econômico e educacional das comunidades carentes, por meio de envolvimento das lideranças e entidades públicas, privadas, Ongs, incorporando a contribuição de milhões de famílias à geração de novas riquezas, melhor distribuição de renda e erradicação da pobreza.;
- Indo em busca das potencialidades das micro-regiões e solucionando seus problemas, por meio do apoio de todas as parcerias possíveis, locais, municipais, estaduais e federais, viabilizando a auto-sustentabilidade.

Técnica da Visualização Móvel

Dentro do trabalho com enfoque participativo, a visualização móvel é um importante instrumento para tornar a formulação de idéias, o processo de discussão e o desenvolvimento dos trabalhos mais eficiente e produtivo.

Esta técnica consiste na utilização de cartões coloridos para registro das idéias do grupo, que são afixados na parede, formando painéis com as conclusões dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo a cada etapa.

O registro de idéias nos cartões pode ser feito em três momentos:

1º - Trabalho Individual: cada participante faz uma reflexão individual sobre o tema proposto e anota suas opiniões;

2º - Trabalho em grupo: a seguir, formam-se mini-grupos de três a seis participantes, que trocam idéias e elaboram conclusões;

3º - Plenária: é o momento da socialização das idéias e da consolidação dos resultados do trabalho, a partir da exposição das idéias dos mini-grupos.

Para que possamos tirar um máximo de proveito da técnica de visualização móvel, algumas regras devem ser observadas:

- Redigir apenas uma idéia em cada cartão;
- Sintetizar idéias;
- Fazer letras legíveis;
- Não ultrapassar três linhas em cada cartão;
- Cuidar para que a distância dos participantes em relação ao painel não ultrapasse oito metros, limite máximo para não comprometer a leitura dos cartões.

A visualização não fala por si. Serve de apoio à expressão verbal e revela muitas vantagens:

- Aumenta a transparência do processo grupal;
- Racionaliza a discussão, destacando as informações essenciais;
- Funciona como “memória externa”, armazenando as conclusões de cada etapa do trabalho;

³ Extraído de PRATICANDO O ASSOCIATIVISMO. Manual do facilitador. Sebrae Nacional. Redes Associativas. Brasília, 2001.

- Proporciona visão de conjunto;
- Garante a participação de todos;
- Facilita o agrupamento das informações, pois os cartões são móveis;
- Permite a cada participante ver suas contribuições nos painéis e identificar sua parcela de trabalho conjunto;
- Apóia as apresentações em plenária, concentrando a atenção do grupo.

Jogos de Treinamento & Desenvolvimento

Andy Kirby conceitua o Jogo como *“uma atividade estruturada, com um objetivo de aprendizado, conteúdo ou processo diferente da consumação da atividade em si”*.

Um Jogo reflete as vivências das pessoas enquanto participantes de grupos nas diversas situações em que se envolvem no seu cotidiano, através de uma forma lúdica e atrativa.

Principais características dos jogos

- Possibilitam aprendizado;
- Definem, com clareza, os comportamentos e temas que se quer trabalhar;
- Podem levar à competição ou à cooperação;
- Fazem com que todos os participantes interajam, embora o nível de envolvimento de cada um seja diferente, e alguns até prefiram ficar no anonimato.

Fases de um jogo

(i) **Vivência: é o jogo ou atividade propriamente dita.**

- Variar os jogos;
- Cuidar para que reproduzam a realidade a ser trabalhada;
- Verificar se há tempo suficiente para o seu processamento;
- Adequar a atividade ao objetivo pretendido e ao público-alvo.

(ii) **Relato: é o momento onde o facilitador sonda o clima de trabalho em que ocorreu o jogo, oferecendo espaços para as pessoas falarem sobre seus sentimentos.**

- É importante trabalhar sempre com o efeito-surpresa e usar recursos de facilitação de expressão;
- Sugestões – carinhas de expressão, figuras, palavras-chave, baralho de sentimentos, cores, símbolos, verbalizações...;
- Cuidar para que este momento tenha um tempo “ótimo” (nem muito longo e nem muito pequeno).

(iii) **Processamento: fase em que o facilitador faz com que o grupo avalie sua performance no jogo, fale sobre suas dificuldades e facilidades, falhas e acertos.**

Este momento deve ser preparado antecipadamente pelo facilitador, que poderá usar um dos instrumentos a seguir:

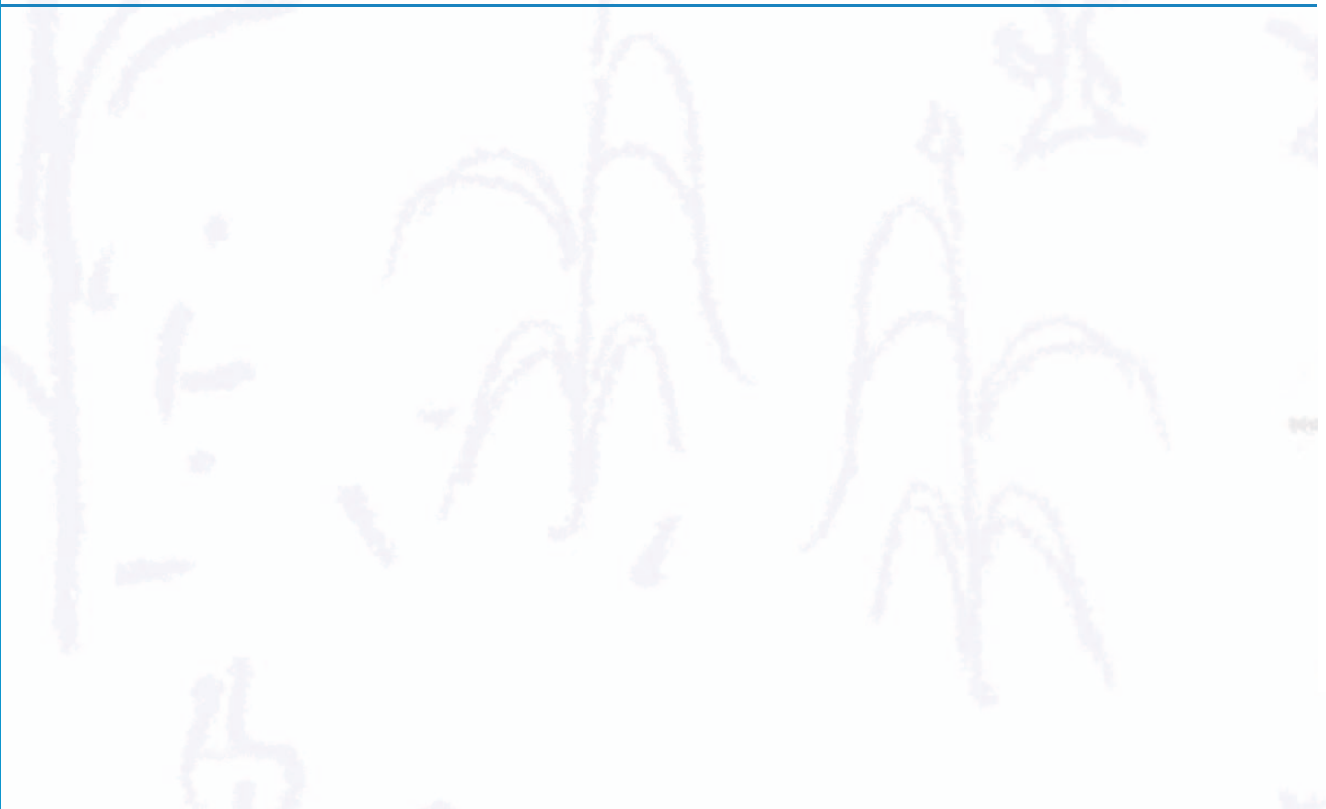
- questionários individuais ou em subgrupos;
- perguntas que vão além do “sim” e do “não”;
- recursos visuais (símbolos, cartazes, figuras...);
- painel de apresentações.

(iv) **Generalização: até agora, as discussões estão ancoradas na fantasia do jogo, do lúdico, no que aconteceu no aqui-e-agora. Quando entramos na fase de generalização, devemos puxar as pessoas para sua realidade e:**

- Estimular as analogias;
- Usar o material produzido pelo grupo para comparações com a realidade;
- Pedir que estabeleçam “semelhanças e divergências” do que ocorreu no jogo com o que ocorre no cotidiano.

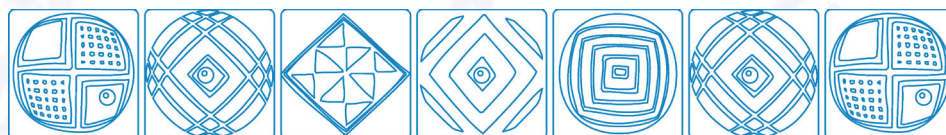
Esta fase é a mais importante, pois faz com que as pessoas entendam os motivos daquela atividade tão lúdica e que, aparentemente, não tinha nada a ver com o trabalho ou a função de cada um.

(v) **Aplicação: de posse do diagnóstico do grupo, que revelou na fase anterior as semelhanças e diferenças do jogo com o seu cotidiano, o facilitador estimula as pessoas a investirem na promoção de mudanças e melhorias.**



MÓDULO I

Desenvolvimento territorial, sustentabilidade e gestão social



Desenvolvimento Sustentável

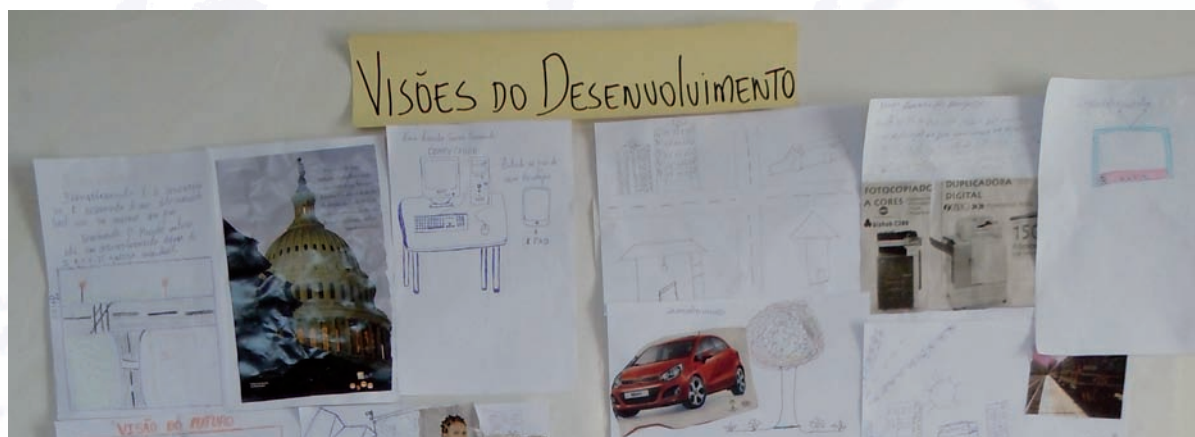
Visões do Desenvolvimento

Síntese

TEMAS	OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
Análise das diferentes formas de ver o desenvolvimento	Refletir sobre as diferentes visões do desenvolvimento	Levantar algumas percepções sobre nossas necessidades como seres humanos usando a técnica de desenhos Analisar o desenvolvimento tendo o “homem” como centro do processo e entender que o desenvolvimento se concretiza na qualidade de vida de cada um	Papel, lápis de cor, lápis de cera, revistas, jornais, tesoura, cola	2hs

Tempo total: 2hs

1. Entregar uma folha para cada um e solicitar que imaginem Angola daqui a alguns anos. Pedir que façam um desenho de como vêem o desenvolvimento do país. Disponibilizar material para desenhar, recortar e colar, deixando claro que não se deve usar palavras e sim, imagens. O grupo terá 30 minutos para concluir o trabalho.
2. Sentados em círculo, no chão, pedir inicialmente que comentem o que sentiram ao realizar a actividade e depois, que cada um apresente o desenho que fez.
3. Fechar a discussão considerando que o desenvolvimento é mais que as questões económicas ou as infra-estruturas: tem que se levar em conta os aspectos sociais, a conservação do meio ambiente, a equidade social, e também os valores, sonhos, desejos e necessidades das pessoas. Concluir reafirmando que o desenvolvimento só faz sentido se traduzido em felicidade para toda a gente.
4. Fixar os desenhos em um painel realçando que o painel representa a visão de cada um com o desenvolvimento para todos.



Evolução do conceito de desenvolvimento e análise do desenvolvimento em Angola

Síntese

TEMAS	OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
Evolução do conceito de desenvolvimento	Conhecer e refletir sobre a evolução do conceito de desenvolvimento e as mudanças acarretadas pelo diferentes modelos de desenvolvimento	Tempestade de ideia sobre os diferentes modelos de desenvolvimento Expor de forma dialogada com apoio de slides	Slides Datashow	20min
Apresentar a evolução do desenvolvimento em Angola no período pós-guerra	Conhecer e refletir sobre o modelo de desenvolvimento vigente no país	Realizar uma tempestade de ideia sobre os diferentes modelos de desenvolvimento Expor o tema com apoio de slides	Slides Datashow	20min
Análise dos indicadores de desenvolvimento em Angola	Analisar os dados sobre o actual modelo de desenvolvimento de Angola e discutir suas consequências e sustentabilidade	Discutir o que são indicadores e apresentar alguns indicadores Dividir em 4 ou 5 grupos menores e distribuir o quadro dos indicadores previamente elaborado Analisar dos indicadores de Angola Apresentar as conclusões em plenária e discutir	Quadro dos “Indicadores básicos de pobreza e insegurança alimentar em Angola” previamente elaborado Papel A4, marcadores, flip chart Perguntas orientadoras	80min

Tempo total: 2hs

Evolução do conceito

1. Fazer uma **“tempestade de ideias”** com os participantes sobre as transformações que os participantes perceberam nos últimos anos.
2. Apresentar, com o apoio de slides, o avanço do pensamento e das acções que dizem respeito ao desenvolvimento e a sustentabilidade da Segunda Guerra até os nossos dias e como a noção afecta o nosso dia-a-dia.

Tempestade de idéias

as idéias são expostas pelo público e anotadas pelo facilitador no papel flip chart. Ao final do tempo, o facilitador faz uma síntese.

3. A partir da aplicação da técnica “tempestade de ideias”, discutir a Revolução Verde, suas consequências e sua importância no processo de desenvolvimento. Traçar paralelos entre os acontecimentos mundiais e em Angola. Discutir o papel dos técnicos e da extensão rural na implementação da Revolução Verde.
4. Apresentar e discutir o desenvolvimento de Angola desde o fim do conflito armado até os dias atuais e como a reconstrução do país vem mudando a vida das pessoas.

Indicadores básicos de pobreza e insegurança alimentar em Angola

1. Apresentar alguns indicadores económicos e de insegurança alimentar e pobreza explicando seu significado.
2. Dividir em pequenos grupos (4 ou 5 pessoas). Distribuir para cada grupo um quadro contendo alguns indicadores básicos de pobreza e insegurança alimentar em Angola e uma lista de perguntas que orientam a análise e discussão. Pedir que analisem o quadro orientado pelas perguntas fazendo sempre a correlação entre indicadores económicos como o PIB e os indicadores sociais. Os grupos terão 40 minutos para discutir.
3. Pedir que cada grupo apresente em plenária os resultados das discussões (10 minutos por grupo).
4. Animar o debate focando na dependência da economia angolana do sector petrolífero, na distribuição desigual dos recursos, na importância de se transformar o crescimento económico em desenvolvimento humano. Concluir sobre a necessidade do técnico analisar uma determinada situação considerando diferentes pontos de vista e diferentes indicadores.

Desenvolvimento sustentável e sustentabilidade

Síntese

TEMAS	OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
Desenvolvimento sustentável e sustentabilidade	Discutir o actual conceito de desenvolvimento sustentável, sustentabilidade e suas dimensões	Fazer a retrospectiva do tema anterior e construir colectivamente o conceito de desenvolvimento sustentável Dividir em grupos (4 grupos) para discutir textos previamente preparados sobre as dimensões da sustentabilidade (cada grupo discute uma dimensão: social, ambiental, económica e política) Apresentar os resultados dos grupos em plenária	Papel flip chart Marcadores Textos sobre as dimensões do desenvolvimento	30 min
Dimensões da sustentabilidade	Fixar o conceito de sustentabilidade e suas dimensões Fixar a importância da participação na concretização na sustentabilidade	Apresentar o conceito de sustentabilidade fixando nas suas diferentes dimensões com apoio de slides Aplicar a técnica “caminhar só e caminhar juntos” para fixar o conceito de participação	Slides Flip chart	1h30m
A sustentabilidade do desenvolvimento	Conhecer e analisar uma experiência de desenvolvimento: as Escolas de Campo do Agricultor	Visitar uma Escola de Campo do Agricultor Discutir a sustentabilidade da experiência segundo o conceito e suas dimensões Enfatizar a participação, o processo de organização dos camponeses e o empoderamento	Slides Papel flip chart Marcadores	2hs

Tempo total: 4hs

Desenvolvimento sustentável e sustentabilidade

1. Fazer a retrospectiva do tema anterior salientando que apesar de todos os avanços mundiais percebemos o acentuamento cada vez maior das diferenças: entre ricos e pobres, entre países e mesmo no interior deles.

2. **Construir colectivamente o conceito** de sustentabilidade.

Construção colectiva de conceitos

(i) o facilitador apresenta o conceito que pretende construir; (ii) os participantes, com total liberdade, apresentam o entendimento que têm sobre o tema, sem censura, sem preconceito e sem limites de ideias para cada um; (iii) o facilitador vai anotando as opiniões em flip chart; (iv) quando os participantes já tiverem colocado suas opiniões, o facilitador vai dando forma ao conceito a partir das ideias centrais que apareceram. Ao mesmo tempo em que vai aprofundando a discussão sobre cada ideia, vai questionando os participantes sobre o que eles entendem sobre cada aspecto levantado; (v) o facilitador finaliza a técnica redigindo o conceito construído coletivamente num cartaz.

3. Introduzir a sustentabilidade como uma proposta que pode conciliar crescimento económico, desenvolvimento humano, avanço tecnológico e conservação do meio ambiente. Fixar o conceito de sustentabilidade com o apoio de slides.

Dimensões da sustentabilidade

1. Dividir em grupos (4 grupos) para discutir textos previamente preparados que apresentam as dimensões da sustentabilidade (cada grupo discute uma dimensão: social, ambiental, económica e política). Os grupos terão 30 minutos para trabalhar.
2. Pedir que cada grupo apresente os resultados dos grupos em plenária (5 minutos cada grupo).
3. Concluir deixando claro que nós, seres humanos, somos parte de um sistema natural que envolve outros seres vivos, a água, o ar, todo o planeta. Mostrar que a participação é fundamental para a sustentabilidade não só para garantir que todos os interesses sejam atendidos mas também para que tenham continuidade.

1. Aplicar a uma técnica **“caminhar só e caminhar juntos”** para fixar o conceito de participação.

2. Concluir apresentando como apoio de slides um conceito mais alargado de desenvolvimento sustentável onde o ser humano busca maior felicidade pessoal e coletiva.

Caminhar só e caminhar juntos:

Em um local amplo as pessoas começam a andar em silêncio. O moderador orienta os participantes a andarem de maneira relaxada, cada um buscando seu próprio ritmo. Depois de alguns instantes o moderador solicita que cada participante procure um colega e andem aos pares com os ombros encostados. Depois o moderador dá uma nova orientação para que os pares se juntem 2 a 2 e andem em grupos de 4 pessoas. O moderador vai orientando os grupos a se juntarem gradativamente até que todos os participantes estejam andando num único grupo.

Escola de Campo do Agricultor

1. Visitar uma Escola de Campo do Agricultor
2. Discutir com o grupo e com o facilitador / camponês a sustentabilidade da experiência e a importância desta ferramenta para a promoção do desenvolvimento.
3. Enfatizar que trata-se de uma metodologia de extensão rural baseada nos princípios da educação de adultos onde aprende-se fazendo e onde a participação de todos é fundamental para o processo de organização dos camponeses e de empoderamento.

Sociedade e Desenvolvimento sustentável

Gestão Social do Desenvolvimento Sustentável

Síntese

TEMAS	OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
Gestão social e Participação	Apresentar e discutir o conceito de gestão social e suas implicações no processo de desenvolvimento	Aplicar a técnica: “escravos de Jó” para fixar as iniciativas de gestão Fixar o conceito de gestão social através da exposição dialogada de slides	Flip chart Pedras pequenas Slides Datashow	60min
Actores – poder e liderança		A partir da questão: quem são os actores sociais implicados na gestão social do desenvolvimento aplicar a técnica “diagrama de Venn “ para provocar a reflexão sobre as relações sociais, os diferentes actores, poder e liderança Discutir como as relações entre actores afectam a gestão social – fixar o conceito de poder	Círculos de cartolina Marcadores Flip chart	2hs

Tempo total: 4hs

Gestão Social e Participação

1. Apresentar as etapas de um processo de gestão: planificar, organizar, dirigir, implementar, monitorar, avaliar. Aplicar a técnica: **“escravos de Jó”** para fixar as iniciativas de gestão, organização e participação.
2. Fixar o conceito de gestão social através da exposição dialogada de slides. Ressaltar que gestão social é um processo de aquisição do poder ou de empoderamento.

Escravos de Jó

Todos os participantes sentam no chão em círculo. Cada pessoa com seu objecto na mão (pedra, caixa de fósforo ou outro). O facilitador explica a técnica: os participantes deverão cantar a música dos Escravos de Jó e ir passando o objecto para o colega da direita no ritmo da canção. O jogo será finalizado quando todos conseguirem cantar a música e passar o objecto de maneira que não sobre nem falte objecto na frente de ninguém.

Materiais: pedras, caixas de fósforo ou pequenos objectos.

Música: “Escravos de Jó... jogavam caxangá... tira... bota... deixa o Zambêlê ficar... guerreiros com guerreiros fazem zig – zig – zá... guerreiros com guerreiros fazem zig – zig – zá.”

Obs. Caso não se lembre do ritmo da música pode usar qualquer outra que tenha um ritmo bem marcado.

Actores – poder e liderança

1. A partir da questão: em são os actores sociais implicados no desenvolvimento rural aplicar a técnica "**diagrama de Venn**" identificar os actores que se relacionam com os camponeses em um determinado município e refletir sobre as relações existentes entre eles. Trabalha-se melhor estabelecendo os limites entre o município e a aldeia. Pode-se dividir em dois grupos ou trabalhar com todos os participantes. O tempo para realizar o diagrama é de 60 minutos.

Diagrama de Venn

(i) divide-se os participantes em pequenos grupos; (ii) cada grupo deve relacionar quais são as instituições e organizações existentes no município; (iii) o facilitador deve disponibilizar papel flip-chart e círculos feitos em cartolina de diferentes tamanhos e cores; (iv) cada grupo deve representar cada instituição/organização/etc. por um círculo sendo que o tamanho do círculo está de acordo com a importância atribuída pelos participantes; (v) os participantes devem posicionar instituições e organizações identificadas relacionando-as umas com as outras; (vi) o facilitador anima a discussão em cada grupo auxiliando-os a perceber as relações entre a comunidade, organizações e instituições.

1. O grupo ou grupos apresentam o diagrama construído e inicia-se a discussão sobre as relações que existem entre os camponeses e os demais actores presentes no município e na aldeia e como estas relações afectam a gestão social.
2. Revisar com o grupo o entendimento do tema.

Agricultura familiar e desenvolvimento

Síntese

TEMAS	OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
Agricultura familiar	Discutir o conceito de Agricultura Familiar e sua importância no desenvolvimento sustentável	Dividir em grupos para responder a questão: o que é agricultura familiar ou camponesa quais suas principais características? Apresentar os resultados em plenária Com o apoio de slides fixar o conceito de AF e sua importância para o desenvolvimento. Concluir fixando a importância da terra para a sustentabilidade da AF	Papel flip chart Pincéis Slides	60min
Agricultura Familiar em angola	Analisar a importância da produção agrícola familiar no contexto angolano e discutir seu fortalecimento	Aplicar a técnica "tempestade de ideias" para discutir o estado actual da agricultura familiar em Angola e sua importância para o desenvolvimento do País	Slides Flip chart Marcadores	30min

Tempo total: 1h 30min

Agricultura familiar

1. Dividir em 4 grupos para responder a questão: o que é agricultura familiar ou camponesa e quais suas principais características? Os grupos terão 40 minutos para trabalhar e 10 minutos para apresentar suas conclusões.
2. Debater com os grupos sobre o que caracteriza a agricultura familiar ou camponesa.
3. Com o apoio de slides fixar o conceito de agricultura familiar e sua importância para o desenvolvimento.

Agricultura familiar em Angola

1. Aplicar a técnica “tempestade de ideias” para discutir o estado actual da agricultura familiar em Angola e sua importância para a redução da fome, do combate à pobreza e para a conquista da segurança alimentar. Apoiar a discussão com apresentação de slides com dados da agricultura familiar em Angola.
2. Introduzir os conceitos de geração e género e ressaltar a importância da agricultura familiar no que diz respeito às relações de geração e género.
3. Concluir destacando a importância da terra para a sustentabilidade da agricultura familiar.

Acesso à terra e desenvolvimento

Síntese

TEMAS	OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
Acesso à terra e desenvolvimento	Conhecer as leis que asseguram o direito dos camponeses no que diz respeito ao uso das terras	Apresentar a Lei de Terras e as acções do Projecto Terra da FAO no âmbito do desenvolvimento rural Apresentar e discutir o filme que trata do processo de delimitação de terras em Angola	Papel flip chart Slides Filme Lei de Terras	90min

Tempo total: 1h 30min

1. Apresentar a Lei de Terras e discutir a importância de se assegurar para as comunidades rurais o direito de acesso e uso da terra e outros recursos naturais. Apoiar a discussão com apresentação de slides.
2. Apresentar o filme sobre a Lei de Terras e o processo de delimitação de terras em Angola como método de assegurar o direito das comunidades rurais ao acesso e uso das terras. O filme tem a duração de 17 minutos.
3. Finalizar revisando com o grupo o entendimento sobre as relações existentes entre agricultura camponesa, direito de acesso e uso da terra e desenvolvimento sustentável.

Estado e sociedade civil: agentes de transformação da realidade rural

Políticas Públicas e Participação Social

Síntese

TEMAS	OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
Relações entre desenvolvimento, participação e políticas públicas	Levantar os conhecimentos do grupo sobre os papeis do estado e da sociedade civil	Discutir a questão: quem tem a responsabilidade de promover o desenvolvimento?	Slides Flip chart Marcadores	40min
Diálogo entre comunidades e o Estado: o caso dos CACs e da ENSAN	Debater com o grupo sobre os mecanismos de concertação e diálogo entre o estado e a sociedade	Discutir sobre os conselhos de auscultação e concertação social e sobre os conselhos de segurança alimentar	Slides Flip chart Marcadores	40min
Cidadania	Discutir o conceito de cidadania e sua importância no processo de desenvolvimento	Aplicar a técnica da “tempestade de ideias” para discutir o que é cidadania / o que é ser cidadão Finalizar o tema com o apoio de slides	Slides Flip - chart	40min

Tempo total: 2 horas

Relações entre desenvolvimento, participação e políticas públicas

1. Através da aplicação da técnica “tempestade de ideias” apresentar e discutir a questão: quem tem a responsabilidade de promover o desenvolvimento?
2. Esbabelecer as relações entre o Estado e a Sociedade Civil atribuindo as responsabilidades de cada um para a realização do desenvolvimento. Utilizar slides.
3. Concluir destacando a importância da participação dos diferentes sectores da sociedade na gestão social das políticas públicas.

Diálogo entre comunidades e o Estado: o caso dos CACs e da ENSAN

1. Apresentar o que são os Conselhos de Auscultação e Concertação Social (CACs) e os conselhos de segurança alimentar como espaços de encontro entre o poder público e o poder local. Explicar a importância do fortalecimento destes espaços para a consolidação do desenvolvimento.

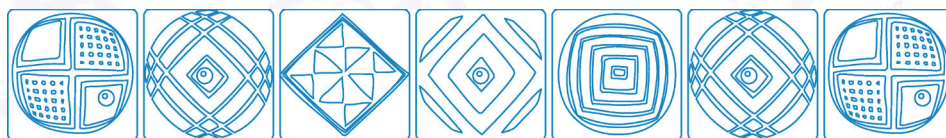
-
2. Finalizar ressaltando que para participar e intervir nas políticas públicas é necessário conhecer os direitos e deveres do cidadão.

Cidadania

1. Aplicar a técnica da “tempestade de ideias” para discutir o que é cidadania / o que é ser cidadão
2. Finalizar o tema com o apoio de slides.
3. Revisar com o grupo o entendimento do Módulo I.

MÓDULO II

Instrumentos de Apoio ao Desenvolvimento



O Técnico como facilitador

Síntese

TEMAS	OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
O que é ser técnico facilitador?	Promover a reflexão sobre o processo de mudança e de como o facilitador motiva a comunidade	Aplicar a técnica da “tempestade de ideias” para a construção colectiva do que é ser técnico facilitador e qual o seu papel Em plenária, com apoio de slides explicar o processo e as etapas da mudança. Ele é pessoal que só pode ser gerado a partir da automotivação Dividir em 4 grupos e pedir que enumerem algumas qualidades do técnico facilitador Apresentar o resultado dos trabalhos dos grupos	Slides Flip chart	90min
O que orienta a acção do técnico?		Fixar o conteúdo com o apoio de slides (qualidades do técnico) Discutir em plenária, com apoio de slides algumas orientações para acção dos técnicos	Slides Flip chart	90min

Tempo total: 3 horas

Facilitador: o que é?

1. Revisar com o grupo o entendimento do módulo anterior.
2. Aplicar a técnica da “tempestade de ideias” para a construção colectiva do que é ser técnico facilitador e qual o seu papel.
3. Em plenária, com apoio de slides explicar que o técnico vai coordenar e dirigir as necessidades e desejos do grupo e conduzir o processo de mudança. Explicar o processo e as etapas da mudança. Ressaltar que a mudança é pessoal que só pode ser gerada a partir da automotivação.
4. Dividir em 4 grupos e pedir que enumerem algumas qualidades do técnico facilitador.
5. Apresentar o resultado dos trabalhos dos grupos. Concluir reafirmando que cada localidade deve encontrar seu modo de conduzir seu projecto de vida.

O que orienta a acção do técnico facilitador?

1. Fixar o conteúdo com o apoio de slides (qualidades do técnico)
2. Discutir em plenária, com apoio de slides algumas orientações para acção dos técnicos.

Comunicação em um enfoque participativo

Síntese

TEMAS	OBJECTIVOS	ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
O que é comunicação?	Refletir sobre a importância da comunicação para o processo de desenvolvimento	Aplicar a técnica “ quem conta um conto aumenta um ponto” Discutir o que é e a importância da comunicação Fixar do conceito com apoio de slides	Slides Flip chart Marcadores	90min
Instrumentos e técnicas que facilitam a comunicação	Identificar algumas ferramentas e técnicas úteis ao trabalho do facilitador	Apresentar com apoio de slides alguns instrumentos como a visualização e discutir algumas técnicas de moderação de eventos e vivências	Slides Flip chart Marcadores	90min

Tempo total: 3 horas

O que é comunicação?

1. Introduzir o tema da comunicação falando sobre a importância de incentivar as pessoas a falar, ouvir, valorizar e aceitar ideias. Aplicar a técnica “**quem conta um conto aumenta um ponto**”.

Quem conta um conto aumenta um ponto*: Solicita-se que duas ou três pessoas saiam da sala por alguns momentos. Pergunta-se aos participantes se alguém entre eles conhece uma estória, um conto, uma anedota que poderia compartilhar com o grupo. Pede-se que todos prestem bastante atenção. Concluída a estória, escolhe-se um voluntário para contá-la a um dos ausentes. Os demais participantes deverão permanecer calados e a estória depois de contada não poderá ser repetida. Chama-se outro dos participantes que está fora da sala para escutar a estória que o voluntário irá contar. Em seguida, o participante que ouviu a estória irá repassá-la a outro dos colegas que será chamado à sala e assim por diante. À medida que a estória vai sendo contada vai sofrendo uma série de modificações, quase sempre engraçadas e muito diferente da estória original. Ao final conta-se a versão original para o grupo possa confrontá-la com a forma que, progressivamente, foi se alterando.

* Extraído de Cerqueira, R. Jogos Pedagógicos na Capacitação das Organizações de Produtores. Série Cadernos Metodológicos – nº 2. Projeto BNB/PNUD/ABC. Recife, 1996.

1. Discutir o que é a comunicação em um enfoque participativo e a importância do processo no qual as pessoas se relacionam entre si.
2. Fixar o conceito com apoio de slides. Discutir o papel do técnico como “comunicador” e da comunicação como uma “estratégia”. Apresentar e discutir as formas os elementos do processo de comunicação.

Métodos e técnicas que facilitam a comunicação

1. Apresentar e discutir com o apoio de slides a importância da visualização como método que facilita e favorece a participação e a aprendizagem e apresentar algumas técnicas e vivências que apoiam o trabalho do facilitador.

Ações e instrumentos participativos

Síntese

TEMAS	OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
Sensibilização e mobilização	Conhecer a abordagem participativa e sua importância para estimular o empoderamento (mesmo em um ambiente de elevado analfabetismo e pouca prática de participação)	Apresentar com apoio de slides as etapas de sensibilização e mobilização do enfoque participativo Dividir em grupos Cada grupo vai escolher um tema, um público e uma técnica de sensibilização e simular um evento Cada grupo apresenta seu trabalho sendo avaliado com relação à postura, a escolha da técnica, os materiais utilizados, etc.	Slides Materiais diversos (flip chart, A4, tarjetas, computador, etc.)	3hs
Diagnóstico participativo		Explicar o que é um diagnóstico e apresentar algumas ferramentas do Diagnóstico Rápido Participativo Tarefa: Simular um diagnóstico a partir de uma visita à área do IMA Dividir em grupos para preparar o diagnóstico: definir objetivos,	Slides Máquina fotográfica, bloco de notas, lápis, etc.	4hs

		<p>ferramentas, materiais, técnicas</p> <p>Realizar uma “caminhada transversal” em uma área previamente definida</p> <p>Após a caminhada elaborar: mapas, história da área, perfil da paisagem, etc.</p> <p>Apresentar os resultados e discutir</p>		
Planeamento participativo	A partir do diagnóstico realizado anteriormente testar algumas técnicas de planeamento participativo	<p>Com apoio de slides, apresentar alguns instrumentos de planificação (árvore de problemas, árvores de causas, etc.)</p> <p>De forma colectiva construir uma árvores de problemas e uma árvores de objectivos</p> <p>Com apoio de slides apresentar o conceito de plano de acção</p> <p>Dividir em grupos e cada grupo elabora um plano de acção com base nos problemas e objectivos levantados nas actividades anteriores</p> <p>Apresentar e discutir o plano em plenária</p> <p>Com apoio de slides, apresentar o marco lógico para elaboração de projectos</p>	<p>Papel A4</p> <p>Flip chart</p> <p>Marcadores</p> <p>Fita cola</p>	3hs
Execução das actividades		Discutir com apoio de slides a etapa de execução das actividades planeadas	Slides	30min
Monitoramento e avaliação	Realizar um exercício de avaliação Avaliar a formação	<p>Discutir com apoio de slides a importância do monitoramento e avaliação das acções</p> <p>Dividir em grupos</p> <p>Distribuir o roteiro de avaliação da formação em grupos, solicitar que avaliem a formação</p>	<p>Folha de avaliação</p> <p>Resumo do programa da formação</p>	90min

Tempo total: 12hs

Sensibilização e mobilização

1. Apresentar com apoio de slides as etapas de sensibilização e mobilização do enfoque participativo e discutir alguns métodos que podem ser utilizados nesta etapa: reuniões de sensibilização, palestras, visitas, etc.
2. Dividir os participantes em 4 grupos. Cada grupo vai escolher um tema, um público e uma técnica de sensibilização e simular um evento. O tempo de trabalho é de 40 minutos.
3. Cada grupo terá 15 minutos para apresentar seu trabalho que será analisado e avaliado pelos formadores e pelos outros grupos segundo critérios como: a postura do facilitador frente ao grupo, a aplicação adequada do método escolhido, a utilização de técnicas de comunicação, a utilização de materiais, etc.
4. Finalizar revisando o entendimento do grupo com relação à importância da sensibilização quando se esta dando início a um trabalho.

Diagnóstico participativo

1. Explicar o que é um diagnóstico, sua importância como ferramenta de coleta e seleção de informações e como instrumento que facilita processos de aprendizagem de modo participativo. Apresentar, com apoio de slides, algumas ferramentas do Diagnóstico Rápido Participativo. O tempo é de 30 minutos.
2. Tarefa: Simular um diagnóstico em uma área próxima do IMA.
3. Dividir em grupos para preparar o diagnóstico: definir objetivos, ferramentas, materiais, técnicas
4. Realizar uma **“caminhada transversal”** em uma área previamente definida observando: relevo, tipo de solo, vegetação, formas das parcelas, construções, animais, etc. A caminhada durará cerca de 1 hora.
5. Após a caminhada traçar um pequeno perfil de utilização da terra através de mapas da paisagem. O tempo para realização desta actividade é de 1h30min.
6. Apresentar os resultados e discutir levantando alguns problemas dos agricultores que puderam ser observados durante a caminhada.

Caminhadas transversais (transects walk): é um passeio que percorre o território da comunidade para reconhecer o meio ambiente, caracterizá-lo por áreas de uso e recursos diferentes. Busca-se a participação de forma dinâmica, pelo convite que se faz de uma caminhada pela área em foco. Promove-se a interação entre o ambiente físico e as atividades humanas realizadas no tempo e no espaço. É importante para identificar as características naturais da comunidade atuais e do ponto de vista histórico.

(i) os participantes são convidados para caminharem juntos pelo campo, visitando os lugares mais importantes; (ii) observa-se tudo, faz-se perguntas sobre a história, tradições, a situação de hoje, etc., ao mesmo tempo observa-se o solo, a vegetação, as culturas, o relevo, os cursos e pontos de água, etc.; pode-se aproveitar para fazer pequenas entrevistas; (iii) no final, procura-se traçar o perfil da utilização da terra através de mapas, diagramas, etc.

Planeamento participativo

1. Com apoio de slides apresentar o planeamento como um processo de tomada de decisão e que na perspectiva do desenvolvimento, vai-se decidir sobre os objectivos que se pretende atingir visando transformar uma determinada realidade.
2. Apresentar algumas ferramentas de planificação (painel de priorização, visão de futuro, árvore de problemas, árvores de objectivos, etc.).
3. De forma colectiva construir uma “árvores de problemas” focando na importância de se entender a existência de certos problemas, suas causas e seus efeitos.
4. Após a construção da árvore de problemas, construir a “árvore de objectivos” com uma sequência onde o problema é reformulado como um objectivo positivo.
5. Com apoio de slides apresentar o conceito de plano de acção.
6. Dividir em grupos e cada grupo elabora um pequeno plano de acção com base nos problemas e objectivos levantados nas actividades anteriores.
7. Apresentar e discutir o plano em plenária.
8. Com apoio de slides, apresentar o marco lógico para elaboração de projectos.

Árvore de Problemas*

A árvore de problemas ajuda a visualizar e entender a existência de certos problemas, suas causas, efeitos e o que fazer para eliminá-los.

No tronco da árvore está visualizado o problema: as raízes simbolizam as causas do problema e os galhos, com seus frutos, representam os efeitos que determinado problema está gerando.

(i) desenhar o tronco de uma árvore num papel afixado no painel móvel; (ii) escrever o problema priorizado numa tarjeta e colocar no tronco da árvore; (iii) perguntar quais as causas que alimentam este problema; (iv) escrever as causas identificadas em tarjetas no fundo da árvore; (v) agrupar as causas por bloco de afinidades; (vi) discutir relações entre as diferentes causas; (vii) perguntar quais os envolvidos com este problema e descrevê-los em tarjetas; (viii) perguntar quais os efeitos negativos do problema, descrevê-los nas tarjetas e posicioná-los como frutos nos galhos.

Árvore de Objectivo*

A árvore de objectivos é uma sequência da árvore de problemas. Será construída a partir dos problemas priorizados.

(i) a partir da árvore de problemas construída, cada problema será reformulado com um objectivo positivo a ser obtido num futuro próximo.

Pré-requisitos essenciais do objectivo:

- Aceitáveis para as pessoas envolvidas na execução;
- Realísticos e atingíveis para os agricultores familiares, que terão o apoio das entidades, instituições e organizações envolvidas;
- Formulados de maneira compreensível;
- Dotados de qualidade, motivando os envolvidos a alcançá-lo;
- Socializados com todos que estejam ligados à sua execução.

*Adaptado de KUMMER, L. Metodologia participativa no meio rural: uma visão interdisciplinar. Conceitos, ferramentas e vivências. - Salvador: GTZ, 2007. 155p.

Execução de actividades e projectos

1. Discutir com apoio de slides a etapa de execução das actividades planeadas como momento de se estabelecer concensos e buscar o envolvimento de vários parceiros.

Monitoramento, avaliação e replanejamento

1. Discutir com apoio de slides a importância do monitoramento e avaliação das acções.
2. Dividir em 4 grupos.
3. Distribuir o roteiro de avaliação da formação e o resumo do programa aos grupos solicitando que avaliem a formação. É de 40 minutos o tempo total.
4. Os resultados da avaliação não serão apresentados ao grupo.

Encerramento

Síntese

TEMAS	OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	RECURSOS	TEMPO
Relaxamento	Manifestar sentimentos	Aplicar a técnica da “teia de aranha” pedindo que a cada um manifeste com uma palavra o sentimento sobre o trabalho realizado	Novelo de lã	30min
Encerramento	Entrega de certificados Palavras finais		Certificados	1h30min

Tempo total: 2 hs

1. Aplicar a técnica da **“teia de aranha”** pedindo que a cada um manifeste com uma palavra o sentimento sobre o trabalho realizado.
2. Concluir a formação com a entrega dos certificados.

Teia de aranha: Todos ficam de pé formando um círculo. O moderador dá início à dinâmica segurando um novelo de lã e explica que vai amarrar no seu dedo a ponta da linha e vai dizer em uma palavra seu sentimento com relação aos trabalhos que foram desenvolvidos durante a formação (p.exemplo: gratidão, saudade, etc.), depois vai arremessar o novelo para outro colega que também vai expressar-se um sentimento através de uma palavra, amarrar a linha no dedo e lançar o novelo adiante. Este processo se repete até que todos tenham se expressado e estejam interligados por uma espécie de “teia de aranha”. Ao final, o moderador pede que os participantes expliquem o que aconteceu, reforçando a importância da participação de todos em todos os momentos da formação. Material: novelo de lã

Sugestões finais

Técnicas de vitalização

- **Corrida dos Lenços:** Os participantes ficam de pé, formando duas colunas, frente a frente. Um participante de cada equipe recebe um lenço. Ao sinal de início, os dois participantes deverão dar um nó em seus respectivos lenços e os passarem imediatamente a seus vizinhos da direita. Os vizinhos por sua vez deverão desfazer o nó e fazê-lo novamente e passar o lenço ao vizinho da direita e assim sucessivamente até que todos tenham participado. Material: dois lenços de tecido.
- **Comandante** :⁴ O grupo se organiza em círculo com todas as pessoas em pé. Solicita-se que um dos participantes se retire da sala por alguns instantes. O grupo escolhe uma pessoa para ser o comandante, que de maneira bastante discreta vai comandar movimentos que deverão ser seguidos por todos, como por exemplo: bater palmas, bater com os pés nos chão, mover a cabeça, etc. O jogador que está fora da sala será chamado para o centro do grupo e terá três chances para descobrir quem é o comandante.
- **Aponte o que ouviu:** Os participantes deverão ficar em pé, em círculo. O moderador inicia o jogo tendo explicado anteriormente como funciona: a pessoa deverá apontar uma parte de seu corpo, mas deverá dizer outra. Por exemplo: aponta a cabeça e diz “este é o meu braço”. O colega seguinte deverá apontar a parte do corpo que ouviu e afirmar que é outra. Neste exemplo ele pegaria no braço e diria: “este é o meu pé”. Caberá ao seguinte colocar as mãos sobre o pé e dizer: “Este é o meu olho”, assim sucessivamente. A medida que as pessoas forem errando, vão saindo da roda.
- **Elefantes e girafas:** Os participantes formam um círculo com o moderador no centro. O moderador aponta para um dos participantes e diz “elefante” ou “girafa”. Se disser “elefante”, a pessoa que foi apontada deve colocar as duas mãos abertas na frente da boca, simulando uma tromba. Os dois colegas vizinhos (da esquerda e da direita) deverão colocar suas mãos na altura do seu ouvido, simulando orelhas. Se disser “girafa”, o indicado deverá estender os dois braços acima da cabeça, simulando um pescoço e os colegas deverão abaixar e segurar os seus pés. Este processo se repete por várias vezes.
- **Jogo das Mãos:** Os participantes deverão ficar de pé, dando as mãos. O moderador explica que o grupo terá como objectivo “virar a roda ao contrário”, ou seja, todos deverão ficar de costas para o centro do círculo com os braços esticados (não pode ficar com os braços cruzados sobre o peito). O jogo tem regras: os participantes não poderão soltar as mãos, nem falar, até conseguirem alcançar esta posição. O grupo deverá buscar uma maneira ou estratégia de atingir o objectivo, repetindo as regras estabelecidas. A solução do problema é simples: um dos participantes deverá erguer o braço do colega formando um arco ao alto sob o qual todos, ligeiramente agachados, passarão.

⁴ Extraído de Cerqueira, R. Jogos Pedagógicos na Capacitação das Organizações de Produtores. Série Cadernos Metodológicos – nº 2. Projeto BNB/PNUD/ABC. Recife, 1996.

- **Missão Possível:** O facilitador convida os participantes a formarem um círculo, em pé, e de mãos dadas, oferece, então, um rebuçado para cada integrante, dando-lhe a oportunidade de escolha da cor e orienta que este rebuçado deverá ser mantido entre sua mão e a do companheiro ao lado. A seguir comunica ao grupo que os rebuçados deverão ser desembulhados e degustados por todos os participantes porém certas regras deverão ser seguidas rigorosamente. Apresenta-se a seguir as regras descritas na folha de flip chart que será afixada na parede. Materiais: 1 pacote de rebuçados de cores variadas e regras escritas na folha de flip chart.

Regras:

- o Todos devem permanecer de mãos dadas por todo o tempo, sem soltá-las.
- o Ninguém pode dobrar os seus braços ou os braços dos colegas.
- o Cada pessoa tem direito a um rebuçado.
- o Se alguém não quiser participar como membro da roda tem liberdade de permanecer de fora, sem dar opiniões.

Técnicas de relaxamento e divisão de grupos

- Uma música como fundo musical e os participantes levantam as mão para o alto segurando o que eles gostariam de ter ou ver acontecer nas suas vidas.
- **Olhar e ver:** Participantes em pé formando um círculo, o facilitador vai formando duplas e colocando os participantes frente a frente, sem desfazer o círculo. Orienta-se que os participantes terão um minuto para olhar o seu parceiro, observando-o Depois, o facilitador solicita que a pessoas fiquem de costas para seu parceiro e faça alguma alteração na sua imagem. Em seguida deverão voltar à posição inicial e tentar adivinhar qual a alteração ocorrida no seu parceiro.
- **Saco surpresa:** Preparam-se antecipadamente cartões ou objetos coloridos correspondentes ao número de participantes e ao número de grupos que se deseja formar (30 participantes e 5 grupos = 30 cartões sendo 6 de cada cor). Coloca-se os cartões num saco e são distribuídos entre os participantes. As pessoas que retiraram a mesma cor farão parte do mesmo grupo.
- **Balões:** Coloca-se num saco uma quantidade de balões correspondente ao total de participantes (30 participantes e 5 grupos = 5 cores de balão e 6 balões de cada cor). Cada participantes pega e enche um balão. Inicia-se uma brincadeira onde as pessoas vão trocando de balões até que, ao sinal do facilitador, cada participantes deverá pegar um dos balões. Formam-se grupos com os balões da mesma cor.
- **Os números:** numera-se cada participante de acordo com o número de grupos que se pretende formar a partir do 1 (ex: para formar 6 grupos, numera-se 123456,123456, etc.).

Materiais necessários

- Balões
- Bostik
- CDs gravados com bibliografia sugerida aos formandos
- Círculos de cartolina
- Cola
- Data show
- Folha de cartolina
- Lápis de cor /giz de cera
- Marcadores coloridos
- Fita cola
- Papel A4
- Papel Flip chart
- Pastas / canetas / blocos de apontamento
- Revistas e jornais
- Tarjetas ou cartões coloridos
- Cópias da programação
- Cadernos de Formação
- Quadro com os indicadores de Angola
- Lista de presença
- Textos sobre as dimensões do desenvolvimento
- Avaliações – programa resumo da formação
- Certificados

